

**A INTRÍNSECA RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA NAS
SOCIEDADES PRÉ-COLOMBIANAS.**

PODER CENTRAL: IGREJA OU ESTADO?

Berna Caroline

RESUMO

Na América antes da chegada dos espanhóis, existiam várias sociedades indígenas, algumas mais semelhantes que as outras e algumas mais diversificadas. No caso deste estudo analisaremos três principais sociedades americanas e sua organização social: os Incas, os Astecas e os Maias. Interessa-nos no entanto verificar a forma como estas desenvolveram a sua *política*, e sua *religião* e a relação imbricada destas duas para compor essas sociedades sobre o comando de um Estado maior. Enfocando o papel do grande governante e do sumo sacerdote no controle e na dominação do povo que eles subjogavam através de leis de cunho social e espiritual. Deixando evidente também o papel da população nessas relações, ou seja, de como elas de certa forma reagem ou não a esses governos excludentes.

Palavras-chave: Povos pré-colombianos; Religião.

INTRODUÇÃO

Durante todo o período em que as civilizações pré-colombianas se desenvolveram elas criaram um complexo sistema de sustentação. Um Estado maior que comandava a tudo e a todos, e que existia também um clero que atuava conjuntamente com esse Estado para legitimar a dominação feita pelo grande poder do governante.

Fazendo uma análise sócio-política destas sociedades, verificaremos que estas relações de “troca” no seio destas sociedades influenciavam diretamente em todas as camadas da sociedade.

Sendo evidente que o grande governante detinha o poder, é difícil conseguirmos separar essas duas esferas, já que tanto a religião como a política desempenhava cada uma um papel de grande destaque. Com leis que regiam o céu e a

terra, esses governos teocráticos criavam argumentações que convenciam a grande população a os seguir, porém não sem muito questionar. E como esses governantes criaram essa rede de controle, que é o grande enfoque deste breve ensaio.

Sendo antes de qualquer coisa imprescindível uma análise geral de saber: quem eram essas sociedades? Onde elas se localizavam? Como que estas estavam caracterizadas a partir de seu modo de produção? Por isso esclareço brevemente estas culturas. Não sendo objetivo deste trabalho dissertar sobre como era a religião e a política em separados, mas sim a relação destas nas sociedades já citadas.

AS ALTAS CULTURAS PRÉ-COLOMBIANAS

As altas culturas pré-colombianas se desenvolveram em áreas separadas geograficamente, e com características distintas enquanto ao seu meio ambiente. Divididas entre Mesoamérica - que corresponde hoje ao território que chamamos de México e América Central - e a Área Andina - que corresponde hoje a área do Equador, do Peru e da Bolívia, essas sociedades floresceram a partir de uma estratificada divisão social, e intenso trabalho agrícola.

Na Meso-américa se desenvolveram várias civilizações, com línguas diversas, culturas distintas, sendo as de maior importância e destaque as civilizações como as dos Maias e Astecas. Na América Andina se desenvolveu uma das maiores culturas pré-colombianas, o Império Inca.

Caracterizadas primordialmente pelo seu modo de produção, essas sociedades indígenas tinham como principal atividade a agrícola.

Tanto os Incas, como os Maias e os Astecas, eram identificados pelo Modo de Produção Asiático, modo este caracterizado pelo combinado de comunidades aldeãs, em que a organização era baseada nas relações de parentesco, a terra era propriedade do Estado, unidade superior que controlava todos os recursos econômicos, e também se apoderava de uma parte do excedente da produção da comunidade, para sustentar-se e também manter a sua nobreza e o clero.

O Modo de Produção Asiático requeria certa estratificação da sociedade, e isso era marcante nas civilizações andinas e meso-americanas. Por estar dividida

basicamente por quem trabalhava a terra e quem não a trabalhava, as sociedades pré-colombianas tinham nessa divisão do trabalho a marca mais influente em sua organização social.

A divisão social dessas comunidades estava basicamente constituída pelo governante; uma aristocracia burocrática que trabalhava no aparelho estatal; o clero; os artesões comerciantes; os camponeses e os escravos.

A unidade da terra era o que baseava esta divisão de classes, por ser esta uma sociedade marcadamente estamental, sem mobilidade, e possibilidade de ascensão à “posse” da terra, ou quer dizer, o usufruto dela, era o que determinava de certa maneira o seu lugar na sociedade.

INCAS, ASTECAS E MAIAS E SUA ORGANIZAÇÃO SOCIAL – RELACÕES DE EXCLUSÃO.

Não sendo uma tarefa muito fácil, decido por analisar somente essas três sociedades autóctones, - Incas, Astecas e Maias - mas deixando evidente que existiam muitas outras sociedades na América antes de serem “descobertas” pelos espanhóis.

Os incas figuram até hoje como uma das maiores sociedades americanas, isto por sua grande complexidade organizacional, e por terem sido encontradas estabelecidas quando lá chegaram os espanhóis.

A sociedade Inca, como várias outras sociedades pré-colombianas, era bastante dividida. Subdividindo-se em três classes: A dos nobres, que era o Inca e sua família, os Curacas (responsáveis pela organização da comunidade), chefes dos *Ayllus*, e os camponeses, o grande sustentáculo do Império Inca, isto por serem eles os responsáveis pela produção das riquezas do império. A terra era dividida em três partes, uma que pertencia ao Inca, outra ao Sol, ou seja, aos sacerdotes e a terceira parte ao povo, esta era redistribuída anualmente de acordo com a quantidade de membros de cada família.

Os Astecas como quase todas as sociedades americanas também eram bastante estratificadas. Sua principal característica é a de ter formado um grande império baseado na conquista militar, onde submetiam várias tribos vizinhas,

dominando-as pela força militar ou pela grandiosa habilidade diplomática, que por sinal configurava-se uma das grandes marcas do povo Asteca, assim como a oralidade a retórica e o amor pela poesia.

Não deixando de ser uma sociedade primordialmente agrícola, os Astecas eram uma civilização bastante urbanizada, e a cidade constituía um espaço de grande importância econômica. Não muito diferente dos Incas os Astecas também tinham que trabalhar nas terras no estado e do clero para somente depois cultivarem as suas, e ainda o excedente era expropriado pelo Estado como pagamento de impostos.

A organização social dos Maias ainda hoje é pouco conhecida, isto por eles estarem em declínio quando da chegada dos espanhóis, e isso dificultou que os próprios colonizadores descobrissem algo a mais sobre esta sociedade. Sabe-se que como as outras, a economia era baseada no cultivo da terra, que era coletivamente trabalhada, obrigando-os camponeses ao pagamento do imposto coletivo.

Existia propriedade privada da terra? Não temos provas suficientes. Mas parece obvio que os poderosos (clérigos e funcionários) não precisavam dela para desfrutar do trabalho excedente de que se apropriavam através de tributo.¹

A estrutura geral deles era bem hierarquizada, como as de outras comunidades americanas, onde existia uma elite que constituía a classe dominante, um corpo de militares que também fazia parte dessa classe, e os camponeses que viviam sob o regime de servidão coletiva.

A partir da caracterização geral desses principais povos, observa-se que o Modo de Produção Asiático é o que melhor se encaixa para defini-los.

Eram sociedades excludentes, negavam a chance de crescimento social a qualquer um que fosse, principalmente a quem não pertencesse a classe dos que dominavam.

SACERDOTE DO GOVERNO E GOVERNADOR NO TEMPLO: SOMA E MESCLAGEM DE PODERES

Nas sociedades autóctones americanas a política e a religião tinham um caráter unificador, ou seja, essas duas forças de comando caminhavam juntas para garantir a ordem estabelecida. Sendo cada qual dessas sociedades com o seu sistema básico de política e religião determinado, não figurando elas um padrão fixo.

Como no caso dos Incas, em que o Imperador era quem nomeava o Villac Umu, ou sumo sacerdote, que este era um primo, ou até o mesmo o seu próprio irmão, fica clara a relação de comunhão entre os poderes, contudo abordarei mais profundamente acerca do tema ao longo do texto.

Com o intuito primordialmente de dizer o que estava certo e errado e com isso dominar, controlar é que a religião e a política nessas sociedades constituíam uma teia de poderes de dimensões enormes. A partir do exemplo dos Incas, pode-se perceber também em outras sociedades essa junção de poderes, a exemplo dos Astecas que usavam a religião para reforçar as suas conquistas, e estas eram comandadas pelo governante.

Prescindindo de uma análise a priori, é difícil estabelecer a separação destes dois poderes, isso porque a relação de correlação de forças entre estes era muito forte. Figurados como semi-deuses, alguns governantes das sociedades pré-colombianas se viam na condição de homens divinos, verdadeiros representantes do céu na terra. Isso dava a eles poderes praticamente ilimitados, onde humilhavam pessoas de posse, grandes homens, não existindo limites às suas vontades.

Montezuma II. Mais que os soberanos precedentes, ele se colocou não só acima do povo, mas também da própria aristocracia. Os mais altos dignitários de sua corte eram obrigados a se prostrar diante dele e carregavam sua liteira de viagem.²

INCAS: AUTOCRACIA TEOCRÁTICA HEREDITÁRIA

No império Inca não se tolerava a preguiça, todos que estivessem abaixo das classes dominantes trabalhavam na terra e tinham uma função específica de acordo com a idade e a situação física, sendo expressamente condenável aqueles que viviam do trabalho alheio. Mas isso não era só uma obrigação, a população acreditava fielmente nesta crença, de que as pessoas dignas eram as que trabalhavam.

Os soberanos Incas souberam apropriar-se bem dessa crença da população. Partindo daí fizeram leis para tornar o trabalho uma obrigação tanto civil como religiosa, sendo condenada tanto pelo Estado como pela religião a pessoa que não trabalhasse, criando-se uma idéia de “vergonha”, isto por que a pessoa, ou família que não trabalhasse era mal vista, sendo a grande prioridade dos *Ayllus* a produção agrícola, e isto os faria ficar mais bem vistos perante o governante.

Os Incas retiravam um terço de seu ano para festejos e comemorações, interrompendo assim os trabalhos nas colheitas e obras públicas, isto tudo permitido pelo Estado, daí a indagação: Porque desta pausa anual para que os camponeses comemorassem os seus festejos? Essa resposta não esta ligada simplesmente as comemorações em si, mas sim a uma estrutura muito maior, que era de legitimar a ação do Estado em cobrar altos impostos e justificar o intenso trabalho agrícola feito pelos camponeses. Ao trabalharem durante grande parte do ano, os camponeses viam nessas comemorações uma forma de se libertarem do trabalho, já que sem exceção todos tinham direito a participarem dessas comemorações.

Contudo sendo usadas como válvula de escape, estas comemorações eram como retorno dos altos impostos pagos ao governo, e este “anestesiava” a população com esses festejos como forma de recompensa, mas isso não passava de mais uma arma de dominação.

Tornando-se perceptível a relação de trabalho e de submissão para a manutenção do Estado, lembrando ainda de que os camponeses eram a grande mão de obra do império Inca, e que estes tinham a obrigação de trabalhar primeiro nas terras do imperador e as do clero, para somente depois cultivarem as suas próprias terras. Sendo o cultivo da terra a grande torre de sustentação do império. Porém não excluído os nobres e o clero que de alguma forma também trabalhavam e contribuía para a construção dessas sociedades, sendo esta nobreza e este clero que também sustentavam o Estado, sendo de uma forma diversificada, pensando a sua organização, sua educação, e tendo também um trabalho coletivo na base de seu desenvolvimento.

A educação só era permitida para os filhos dos nobres e dos curacas, pois eles acreditavam que os plebeus não poderiam deter o mesmo conhecimento que os filhos desses nobres e curacas. Portanto se eram apenas essa pequena parcela da população

que poderia estudar só eles também é que poderiam desenvolver melhor os conhecimentos mais específicos, como: matemática, física, astrologia, engenharia, não sendo configurada a nobreza Inca uma nobreza totalmente preguiçosa.

A estrutura do *Ayllu* (comunidade agrária, formada por várias famílias e com um chefe denominado Curaca) assegurava a submissão da massa camponesa por aqueles que representavam o poder, no caso o clero e a burocracia em todos os seus níveis hierárquicos até culminar no próprio Inca o imperador.

Essa estrutura de *Ayllu* significava ainda mais quando deixava a população cercada por muros e formando guetos de mais fácil dominação e controle.

Vemos nessa breve citação o caráter centralizador e despótico do imperador Inca. Nele se concentravam todos os poderes, tanto políticos como religiosos, ou seja, um “semi-deus”, um representante direto do Sol na terra.

O caráter despótico da dominação está bastante claro nas palavras que o Inca Atahualpa dirigiu ao conquistador Pizarro: No meu reino, nenhum pássaro voa, nem folha alguma se move se esta não for a minha vontade.³

Segundo as palavras do autor Leon Pomer o império Inca poderia ser caracterizado como uma autocracia teocrática hereditária ⁴, portanto que concentra todos os maiores poderes em suas mãos.

O soberano Inca não deixava escapar de suas mãos o controle da religião e esta sempre ficava a cargo de pessoas de sua alta confiança, já que a religião poderia ser uma arma contra ela se não fosse bem articulada, isto por que se fossem pessoas que não fossem próximas do Imperador, este poderia articular para que a grande força fosse a religião e não mais do governante.

Por isso que o soberano Inca era quem indicava o Villac Umu ou sumo sacerdote e este era um primo ou até mesmo seu irmão, sendo esta sempre uma pessoa de confiança. A autoridade eclesiástica acompanhava de forma praticamente paralela à hierarquia política, a começar por sua estrutura. Observando sempre de perto todas as articulações da sociedade, e evidentemente somando forças com o governante para tomar as principais decisões que norteariam o grande povo.

ASTECAS: “DIVINOS E EDUCADOS GUERREIROS”

A principal cidade Asteca Tenochitlan estava dividida em bairros chamados Calpulli e cada um desses tinha um chefe: Calpullec, escolhido pela população local e confirmado pelo poder supremo. Esse era o ponto menor da divisão da comunidade Asteca.

Os Astecas eram rigidamente hierarquizados, onde o governante é semi-divino e se encontra no topo da pirâmide social, abaixo dele vem uma aristocracia composta por chefes de famílias, altos funcionários, etc. em seguida vem os artesões de elite, os camponeses e por últimos os escravos.

Na civilização Asteca as pessoas tinham uma certa facilidade de lidar com a burocracia, pareciam gostar de viver sob uma sociedade rigidamente burocrática, onde a boa conduta era obrigação de todos, sem exclusão, como vemos no trecho a seguir.

...os Astecas devotavam verdadeiros culto aos princípios da organização e aos códigos de comportamento que prevaleciam em sua sociedade, sem nenhuma distinção de classe social.

A sociedade Asteca não configurava ainda um Império como o dos Incas, mas uma espécie de confederação, onde a estrutura política não era rigorosamente centralizada, mas todas as províncias tiveram que se subordinar a Tenochitlan, isso significava ter de pagar os tributos, fornecer contingentes militares, submeter seus litígios aos tribunais da capital.

Chamamos de confederação (na falta de palavra mais apropriada) ao conjunto de cidades, povos e territórios vinculados aos Astecas em diferentes graus de subordinação. Definimos a estrutura de dominação como uma TEOCRACIA-MILITAR-POLITEISTA, com hierarquias sociais bem divididas.⁶

Os Astecas, que eram um povo iminentemente guerreiro, estendiam para outros povos a sua dominação, fazendo de seu povo um povo guerreiro e orgulhoso de

sua trajetória de conquistas. Observando que eles não conquistavam essas tribos para destruí-las, mas submetê-las ao seu regime autoritário para sugar todas as suas riquezas.

E toda essa identidade guerreira era criada pela religião, que fomentava a idéia de um homem guerreiro ideal, onde morrer em batalha era uma coisa bela, e o guerreiro iria direto para o céu. As mortes heróicas seriam as mais bem recompensadas, e isso de certa forma se assemelhava com a religião dos espanhóis que era de oferecer alívio após uma “boa morte”.

E esse caráter identificador, entre guerreiros e as divindades legitimava as guerras, as conquistas. Os grandes governantes Astecas viam nisso uma forma de expandir os seus poderes e assim aumentar as suas riquezas e espaços de dominação.

MAIAS: SANGUE NUMA HISTORIA ENIGMATICA

Varias versões povoam o imaginário das pessoas acerca de quem realmente foram os Maias, de onde eles vieram, como que se desenvolveram realmente e porque sumiram. O que se sabe a respeito dos Maias é bastante esclarecedor, mas não é tudo em relação à civilização que pode ter sido a maior e mais complexa sociedade pré-colombiana.

Organizavam-se de forma hierarquizada como as outras sociedades americanas, porém não constituíam Império, e nem poderiam ser chamados de Confederação, chegando a ser classificados somente em Cidades-Estados, com uma elite composta por militares e sacerdotes, camponeses que, compunham a grande mão de obra, e os escravos.

As cidades Maias não constituíam apenas o poder administrativo, eram também uma espécie de centro comercial, onde se faziam trocas de produtos, artigos de artesanato, entre outros. No entanto os Maias nunca constituíram um Estado unificado, mas sempre houve famílias que governavam e indicavam uma certa concentração de poderes.

Cada cidade-estado tinha o seu chefe supremo – HALAC UNIC -, de caráter hereditário e teocrático, mas existia uma espécie de conselho que o assessorava. O poder do Halac Unic se estendia por todas as partes da cidade, no caso o Batab, que era

quem exercia a função de chefia das aldeias era diretamente nomeado pelo chefe supremo.

A religiosidade Maia, com o seu caráter ideológico norteava toda a vida da população, a visão de mundo e a percepção da natureza. Processos como a colheita, a época do plantio, a observação dos astros, a escrita, e todo acontecimento natural se baseava na religião maia.

Povo intensamente sanguinário, os Maias era adeptos de cerimônias religiosas com sacrifícios de homens e animais. O sangue tinha uma participação especial no mundo Maia, pois era considerado como parte importante do universo, figurando como uma energia que os mantinha vivos.

Aparentemente, os sacrifícios humanos também eram perpetrados em períodos de fome, seca ou epidemia, para apaziguar as divindades.⁷

Vários sacrifícios eram feitos nas comunidades Maias, tanto pela população camponesa, como pelos governantes. Importante salientar o uso também do sangue nesses rituais, no caso do sacrifício do rei, ele se furava com um ferrão de uma arraia e deixava pingar o sangue em fitas que ao serem queimadas, os Maias acreditavam que poderiam ver seus deuses na fumaça que saia após a queimada das fitas.

Ao contrario do que se pensava, era um povo bastante belicoso, que se envolvia constantemente em guerras, tanto de conquistas, de sucessão real ou por outros motivos. O povo Maia, no momento das guerras, se vestia com roupas extravagantes e de dirigiam para o campo de batalha aos gritos e matando e degolando o exercito inimigo e no momento em que conseguiam entrar na cidade que desejavam conquistar arrasavam todo o território, desse modo, muitos se matavam no momento em que os Maias entravam na cidade.

O caráter sagrado dessa sociedade e em conseqüência a enorme importância do clero na vida cotidiana, assegurava o fiel cumprimento das obrigações determinadas pelos senhores aos produtores da riqueza.⁸

Com todas essas características observa-se que era uma sociedade marcadamente autoritária, que submetia outros povos ao seu domínio e bastante sanguinária, que apreciava sacrifícios humanos em nome de seus deuses.

Sendo mesclado o poder do Estado com o poder do clero, formando um grande conglomerado de poderes ilimitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa breve análise, conclui-se que a formatação dessas sociedades era regida a partir de uma conjugação de grandes poderes, nesse caso *políticos e religiosos*.

Não apenas o trabalho em conjunto dessas duas esferas, e sim a mistura desses dois poderes num só, construindo sociedades teocráticas, em que o poder central não é nenhum dos dois em separados, mas a atuação inter-relacionadas dos dois.

Sociedades em que o próprio governante é um semi-deus, não dá para pensar política e religião de forma separada.

Não apenas com o intuito de que o grande governante seja supremo e bastantes poderoso, o que esta querendo se discutir aqui é a criação desses poderes teocráticos na construção de sociedades sob regimes de exploração, e grande dominação.

Com o objetivo de criarem civilizações exemplares, onde a cultura é algo valorizado, o trabalho é uma coisa digna e divina, essas sociedades pré-colombianas estruturam todo um esquema de dominação política através da religião que legitimava onde praticamente toda a população teria que seguir a religião do chefe supremo.

Não negando que cada uma dessas sociedades aqui estudadas tenha as suas particularidades, e formas diversificadas de se apresentarem, mas sendo bastante clara a relação política somada com religião em todas elas.

NOTAS

¹ POMER, Leon, 1928 – *História da América hispano-indígena* / León Pomer – São Paulo: Global ED., 1983 - p. 25.

² O aspecto Amável do Mundo Asteca. In: *Civilizações Perdidas*. Rio de Janeiro: Abril, 1998, p. 135.

³ *Historia da América através de textos* / seleção e organização e introdução Jaime Pinsk ...[et al]. – São Paulo: Contexto, 1989. – (Textos e Documentos; v.4) p. 15

⁴ POMER, Leon, 1928. *Op., Cit.* p. 25.

⁵ O aspecto Amável do Mundo Asteca. In: *Civilizações Perdidas*. Rio de Janeiro: Abril, 1998, p. 141

⁶ POMER, Leon, 1928.N. *Op., Cit.* p. 16.

⁷ O fim dos dias felizes no Yucatã – O esplendor dos Maias. In: *Civilizações perdidas* Rio de Janeiro: Abril, 1998, p. 120

⁸ *Idem.* p. 121
